

JOSÉ, SEGUNDO OS QUE FICARAM (MEMÓRIA PARA UM BOTICÁRIO ALDEÃO)

Apparício Silva Rillo

É muito, muito difícil,
fazer-se um poema de José,
como, sobre, a respeito
do avesso ou do direito
de José – quem seja
ou que não seja o de Drummond de Andrade –
do Carlos que poetou sobre José
e fez, de logo, o povo brasileiro
balançar de cima e para cima
a cabeça da alma
e dizer, confirmando:
Tudo já foi dito de/ sobre José.

Mas eu também sou duro
como o teu José, poeta mineiro-múndi,
e tenho lascas das pedras de Itabira
para riscar um talvez,
um quem sabe poema
sobre o meu / o nosso José
de São Chico de Borja, onde nasceu.
Esse que escrevia com PH
na lousa da infância
a palavra *Pharmacia*.

A que depois viveu
fonema por fonema,
sem esquecer a tônica de espada
sobre a vogal aberta do “a”
na sílaba do meio.

Veio-lhe de dantes,
do século passado em década de fim,
de uma pátria de bois e de cavalos
da Vila missionária em solidão,
essa nave de drogas curandeiras
que navegou até ele em velame de gazes
pelas águas de curso da família.

E então José assumiu-se em seu destino
de Boticário (como antes era
na linguagem do povo e nos reclames
dos humildes jornais com notas campechanas).
Decifrava receitas de doutores barbudos
com severas escritas de hieróglifos.
E fabricava ungüentos e pomadas
e poções e xaropes
Com suas mãos de ágil alquimista.
E colocava de pé os artistas do Circo
que vacilavam na barra do “trapézio”

quando a doença brincava de palhaço
e o rufo dos tambores anunciaava
a Morte equilibrista em seu ato final.

Mas José nunca se imaginou o Grande Mágico
capaz de fazer uma flor da essência do nada
e dela, a uma dança de dedos,
uma pomba de alvas que voasse.

Não.
José apreciava era estar na platéia
roendo amendoins e comendo pipocas
-como todos,
iluminado de longe pelas lâmpadas
que apunhalavam de cima os tapetes da arena
onde os Admiráveis justificavam
os mil-réis dos ingressos.

Estar próximo (e sempre)
da fragilidade vital pela doença
- por detrás do balcão, entre vidraças
que guardavam segredos no rótulo dos frascos -
deu-lhe a noção inteira de si mesmo
por saber-se, como os que batiam na porta
a horas mortas,
transitório e frágil. E falível.
(Mas apesar de tudo – necessário).

Cantos de esporas nas calçadas gastas
cortavam noites pelo fio das horas
e o acordavam pela mão da aldrava
que anunciaava temores e angústias
no coração dos homens que o buscavam
no galope de urgência dos cavalos.

E então José serviu nessa medida
de campeiro pagé de fama vilarenga
aos homens e mulheres que o buscavam
para o milagre que estava nesses frascos
na ordenação das corretas prateleiras.

Claro,
José gostaria de servir-lhes milagres:
maná, água tornada vinho em sua bilha,
todo o poder de Deus num comprimido
de simples aspirina.

Mas se sabia o instrumento (apenas isso)
e aos ansiosos de fora que o buscavam
lhes passava o possível – seu limite.

José,
muitos não estiveram a teu lado
na véspera da ultima parede
para ouvir, araponga de ferro,
a colher do pedreiro
sonando como um sino, por finados.

Eu não estava lá, José.
Eu não quis estar lá
Para reter-te vivo, em teu afã.

Eu estava, sim,
e milhares de homens e mulheres
e almas descendidas
a bater punhos nervosos na madeira da porta
da tua *Pharmacia* em PH, antiga.

Mas tu, José,
tinha partido dela.
E no punho da aldrava um bilhete dizia
que não virias de volta a teus balcões.